

O preço da ecologia

RICKEY ROGERS / REUTERS



Em tempos de crise financeira mundial, outras crises deixam as manchetes dos jornais e as pautas de governo. Um exemplo é a questão ambiental. Mas há muita gente atuando, fazendo o trabalho das formigas. A *Revista Súmula* acompanhou, na Alemanha, iniciativas pioneiras.

ANA PAULA GALVÃO
Correspondente na Alemanha

Embora o mundo esteja assustado com a contabilização dos prejuízos ambientais, sociais e financeiros decorrentes das mudanças climáticas no planeta, ações reais demoram para serem tomadas. Há quase um ano, desde a publicação do quarto relatório do IPCC, — Grupo Intergovernamental de Especialistas sobre a Mudança Climática, pertencente ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, poucas medidas concretas foram tomadas. Mesmo levando em conta o grave diagnóstico ambiental e as prognó-

ses dramáticas que afetarão o planeta até 2050. O documento apresenta o cenário que teremos de enfrentar: falta de água e de outros recursos naturais, catástrofes ambientais frequentes como tempestades, furacões, tsunamis, elevação do nível dos oceanos — que trará o desaparecimento de muitas ilhas e ameaça à costa litorânea de muitos países. Um dos pontos mais graves: as mudanças climáticas são produtos da interferência humana. A necessidade de diminuir a emissão de gás carbônico, combater as consequências do efeito estufa e retardar o aquecimento global do planeta, tornaram-se prioridades mundiais.

Redução de CO₂

A proposta de lei que será discutida pelo Parlamento Europeu, no início de 2009, envolve um pacote ambiental que visa, entre outras medidas, a diminuir a emissão de gás carbônico (CO₂), por meio do incentivo a novas tecnologias para a produção de carros menos poluentes e mais econômicos. Na proposta está também o aumento da cota de energia proveniente de fontes renováveis. De acordo com a proposta de lei, os automóveis europeus devem produzir, até 2020, no máximo 95 gramas de CO₂/km. Hoje os carros de luxo, como o Porsche e alguns modelos da Daimler (Mercedes)

chegam a emitir o dobro de CO₂ por quilômetro rodado. Uma das medidas para atingir a meta proposta era de se misturar 20% de etanol ou biodiesel à gasolina, o que implementaria, ao mesmo tempo, o uso de fontes renováveis de energia. O pacote ambiental da União Europeia tem, também, como objetivo, diminuir a dependência da Europa junto aos países exportadores de petróleo e gás natural.

O Brasil surgiu no contexto da crise ambiental como a “Arábia Saudita Verde”, o exportador de etanol com potenciais quase ilimitados.

As possibilidades de crescimento econômico se expandiram e a indústria canavieira do Brasil ganhou novo impulso. Segundo dados do IBGE, a produção de cana-de-açúcar aumentou 13,7%, em 2008. A expansão das áreas de plantio aumentaram 12,1%, como reflexo dos novos projetos para atender a demanda crescente de etanol para o mercado nacional e estrangeiro.

No entanto, as consequências indiretas das propostas da União Europeia e de outros países desenvolvidos, foram alvos de críticas e controvérsias. No México, o preço do milho subiu mais de 50% em um ano, depois que os Estados Unidos passaram a importar o cereal para utilizá-lo na produção do biodiesel. Já na Indonésia, na ilha Sumatra, a floresta tropical foi totalmente destruída para dar espaço às plantações de palmeiras de dendê, utilizadas principalmente pela Alemanha para a fabricação do biodiesel. A FAO — Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação divulgou, em boletim recente, estudo detalhado sobre as consequências da crescente utilização de biomassa proveniente de produtos agrícolas (principalmente o milho) para a produção de combustíveis. O efeito colateral é grave, quase obscuro: a fome e a destruição das florestas dos países em desenvolvimento para alimentar os tanques dos carros do primeiro mundo.

Segundo o Banco Mundial, os países em desenvolvimento, com exceção do Brasil, não apresentam tecnologias e capacidades de produção de grandes quantidades de etanol.

Esses dados levaram parte do projeto europeu, e principalmente do governo alemão, a serem postos de lado. A decisão de protelar a medida de misturar 20% de etanol à gasolina, a partir de 2009, na Alemanha, foi validada a partir de dados econômicos: os motores de mais de três milhões dos carros declarados no país não estão preparados para o etanol.

Os interesses, no que diz respeito à questão ambiental, são diversos e conflitantes: se, por um lado, os países desenvolvidos buscam novas tecnologias para captar e otimizar recursos de energia renováveis, os países em desenvolvimento, donos dos recursos, por outro lado, têm que enfrentar os efeitos da exploração desenfreada e problemas sociais decorrentes. Os países em desenvolvimento reclamam para si o direito ao progresso e ao crescimento financeiro, mesmo que isso signifique repetir os mesmos excessos e erros já cometidos pelas nações mais desenvolvidas.

Não haverá caminho alternativo?

A Conferência Mundial pelo Meio Ambiente, no Rio de Janeiro, em 1992, trouxe o novo conceito do desenvolvimento sustentável, a base da chamada Agenda 21 — uma agenda com metas a serem alcançadas neste século. O modelo é baseado em crescimento econômico e compromisso social, que leva em conta a preservação dos recursos naturais, utilizando-os de maneira racionalizada.

Com a crise financeira mundial em curso, que teve início no mercado imobiliário norte-americano em meados de 2007, o ambiente e os modelos sustentáveis de desenvolvimento recuaram para o caráter secundário, passadas a euforia e o efeito midiático causado pelo prêmio Nobel da Paz para o ex-vice presidente americano Al Gore e para o grupo de cientistas do IPCC. Mas ainda persistem boas ideias, nascidas de iniciativas da sociedade civil organizada, como também de políticas públicas de muitos países. Vamos ver algumas.

Uma “casa” para a Amazônia brasileira

Plantas, flores e animais compõem o cenário quase perfeito, na “Casa da Amazônia” no Willhelma, Zoológi-



Fachada da Casa da Amazônia, em Stuttgart.

co de Stuttgart, na Alemanha. Mas tem algo de trágico: a riqueza da floresta amazônica guardada como relíquia, feito peça de museu. Um alerta sobre a morte (nada) lenta de um dos mais ricos exemplares da biosfera de nosso planeta.

Sentimento ambíguo: o cheiro, a temperatura, o cenário lembram as origens, mescladas à indignação e ao sentimento de impotência quando, ao deixarmos a exposição, um placar eletrônico, que já há muito ultrapassou a marca dos milhões, avança mudo, compassado, indiferente, registrando a queda de mais uma árvore, mais outra, segundo por segundo...

Neste momento uma pergunta, que não sabemos como responder: “Não há como evitar isso?”

Leis de proteção ambiental? Sim, nós temos. Vigilância? Também. Existe polícia florestal, Ibama, vigilância via satélite. Existem multas. Ambientalistas. E consciência ecológica? Sim, crescente. Então, por quê?

Na verdade, os países desenvolvidos carregam uma grande responsabilidade no que diz respeito às causas da destruição dos ecossistemas brasileiros. É para a Europa e para os Estados Unidos que exportamos a madeira nobre de nossas florestas. É para servir de ração para o gado do primeiro mundo que cultivamos a soja em terras que antes abrigavam florestas centenárias. E mais recentemente, é para mitigar a fome cada vez maior dos países desenvolvidos por novas formas de energia que sacrificamos áreas do Cerrado e do Pantanal para o plantio de hectares e mais hectares de cana-de-açúcar.

Buscar alternativas que sejam capazes de conciliar crescimento econômico e responsabilidade ambiental e social se torna o maior desafio. Esta é a premissa do trabalho de muitas entidades governamentais e de Ongs do Brasil e do mundo inteiro resolveram adotar. A lista de projetos e iniciativas é extensa. Com a assinatura, por exemplo, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, ou do WWF — World Wide Fund for Nature e de muitos outros grandes e pequenos

grupos e entidades, que se dedicam à luta pela preservação das florestas e ao desenvolvimento econômico e social viável para estas regiões.

Saga amazônica

A Poema, que está mais para saga do que para versos, significa **PObreza E Meio Ambiente** na Amazônia. Surgiu em 1992, a partir de um programa interdisciplinar do Núcleo de Pesquisas para o Meio Ambiente da Universidade Federal do Pará, sob a coordenação do professor alemão de sociologia Thomas Mitschein. O objetivo principal da Poema, no Brasil, é o de aplicar modelos para combater a destruição da Amazônia, pela estratégia de melhorar as condições de vida dos moradores da região, oferecendo possibilidades viáveis de desenvolvimento econômico e de preservação dos recursos florestais. Os projetos da Poema, em Belém, ganharam o apoio de muitos grupos e entidades nacionais e internacionais. As parcerias cresceram, entre elas o trabalho com a Daimler AG, da Alemanha, e com a Mercedes-Benz do Brasil, que possibilitou a fundação, em 2000, da Poematec, fábrica na região metropolitana de Belém, responsável pela produção

de assentos para carro e acessórios a partir de fibras de coco e látex natural. Boa parte da produção é destinada aos caminhões produzidos pela Mercedes na fábrica de São Paulo. A fábrica tem capacidade de até 80 toneladas por mês de produtos acabados e dispõe de tecnologia de ponta. Mesmo premiada e reconhecida internacionalmente, a Poematec vive hoje dias incertos. A fábrica que deveria fabricar os bancos para o modelo Classe A da Mercedes Benz, produzido em Juiz de Fora, acabou ficando sem seu principal cliente, já que o modelo não conseguiu ganhar o mercado brasileiro. Hoje, a Poematec negocia com outros parceiros, a fim de garantir a sobrevivência de um projeto inovador que emprega direta e indiretamente mais de 500 famílias no fornecimento e gerenciamento de matéria-prima e na produção final dos produtos.

O trabalho desenvolvido pela Poema Brasil está centrado no aconselhamento e na capacitação da população amazônica para o trabalho de modelos sustentáveis na exploração dos recursos oferecidos pela floresta. Envolvidos em um trabalho produtivo, os próprios moradores passam a ser agentes ambientais, que ajudam a proteger os recursos florestais, já que sua sobrevivência depende destes recursos.

Algumas propostas

Na Alemanha, ambiente gera empregos, por exemplo na área de produção de energia renovável. Oferece a possibilidade de desenvolver novas tecnologias, como para a captação de energia solar e dispõe até de uma plataforma política de considerável importância: o Partido Verde. Reciclagem e investimento em novas fontes de energia caracterizam alguns dos muitos caminhos que os alemães escolheram para vivenciar modelos sustentáveis. E é também na Alemanha que se encontra um grande número de Ongs que se ocupam com projetos ambientais espalhados por todo mundo. Por outro lado também, é na Alemanha que se encontra um grande número de Ongs que se voltam a projetos ambientais espalhados por todo mundo. O Brasil e a Amazônia são temas constantes destes grupos e associações. Uma delas recebeu, em dezembro de 2008, o “Stuttgarter Friedenpreis”, que traduzido significa Prêmio da Paz de Stuttgart e destaca o trabalho de grupos, associações ou de pessoas pelo seu engajamento social ou ambiental: a Poema e.V. Stuttgart.



Gerd Rathgeb, na foto à direita, distribui lâmpadas de energia solar a moradores da região amazônica, no Pará. Acima, com o grupo da Poema que venceu o prêmio “Stuttgarter Friedenpreis”, ou prêmio da paz de Stuttgart, por seu engajamento social e ambiental.



Poema Alemanha

Em 1994, Willi Hoss, que foi deputado federal pelo Partido Verde na Alemanha, funda a Poema Stuttgart. O trabalho da Poema Brasil inspirou o ambientalista alemão, que passou a desenvolver outros projetos dentro da mesma filosofia da Ong brasileira: combater a pobreza na região. O objetivo da Poema Alemanha é disponibilizar recursos e tecnologias para garantir às comunidades acesso a água tratada, energia solar e atendimento de saúde. O trabalho é feito em parceria com grupos e entidades brasileiras locais, com prefeituras e outros órgãos do governo brasileiro.

Gerd Rathgeb, que assumiu a presidência da Poema alemã após a morte de Willi Hoss em 2003, conta que na Alemanha a Ong tem também caráter didático. “Na Europa persiste uma visão errônea sobre a Amazônia: a de que a região seja um grande parque natural onde só se encontram animais e árvores centenárias. O fato de que quase 20 milhões de pessoas vivem na e da Amazônia é desconhecido de muitos”. A entidade organiza palestras para escolas, empresas e entidades públicas e privadas. “A ideia é de conscientizar e sensibilizar para a causa amazônica, levando à compreensão de que os europeus também são responsáveis pela

destruição destas florestas”, explica Rathgeb. “É necessário compreender os mecanismos e assumir também o nosso papel nesta dinâmica, já que somos nós os consumidores de muitas matérias-primas derivadas da região”, completa.

O ambientalista esteve pela primeira vez no Brasil em meados dos anos 80. A fascinação pela floresta e ao mesmo tempo a enorme brutalidade do desmatamento foram os motivos que o levaram a se engajar nos projetos da Poema Alemanha. “Quando você chega à Amazônia, sente a violência do desmatamento e das queimadas. E percebe que esta destruição também destroi os moradores da região”. Rathgeb reconhece que o trabalho não é fácil, por causa da burocracia brasileira e dos interesses dos proprietários das grandes madeireiras clandestinas ou dos ruralistas da região. “É preciso paciência e boa dose de coragem”.

Lutadores

O mês de dezembro de 2008, na cidade de Stuttgart, Sul da Alemanha, foi frio. A neve é admirada pelos brasileiros, três amazonenses, pela primeira vez em visita à Europa. Naldo, Giovanni e Bena são os parceiros no Brasil da Poema alemã e vieram para a entrega de um prêmio, à Ong, chamado “Stuttgarter

Friedenpreis”, que traduzido significa “prêmio da paz de Stuttgart”.

Os três contam sobre o dia-a-dia das comunidades amazônicas e sobre os projetos, as dificuldades, os riscos que vivenciam. Políticos, ambientalistas, alunos das escolas parceiras alemãs escutam atentos, trocam ideias. Querem também ajudar a melhorar as condições de vida das comunidades locais.

Giovanny Souza de Anapu, na região da Transamazônica, afirma várias vezes: “quem promove a proteção ambiental são os povos amazônicos”. Giovanny é representante da ASSEFA — Associação Solidária Econômica e Ecológica de Frutas da Amazônica —, e durante quinze anos acompanhou o trabalho de Dorothy Stang, religiosa americana naturalizada brasileira, que foi assassinada em 2005, justamente pelo seu engajamento no Projeto da ASSEFA.

A ideia de trabalhar com o extrativismo de frutas, explica Giovanny, cria um elo vital: “Quem vive da floresta tem que protegê-la para garantir sua própria sobrevivência”. Giovanny também afirma que apesar do progresso alcançado, a política ambiental do Governo brasileiro ainda se encontra muito “aquém de promover bases eficientes para um desenvolvimento sustentável na Amazônia”.

Já Maria Benedita Castro Amaro, conhecida como Bena, foi vereadora



Rio, caminho de água, na Amazônia. Nesta foto, barco transporta açaí para o porto de Abaetetuba.

de Oieras do Pará e tinha uma preocupação clara: trazer água potável para comunidades afastadas. A realidade é quase absurda: apesar de se encontrarem junto ao maior reservatório de água doce do mundo, os habitantes de muitas comunidades amazônicas não têm água para beber, por conta da poluição dos rios. “Água é sinônimo de vida, mas quando está poluída, é sinônimo de morte, de doença”, relata Bena. Quem mais sofre com o problema são as crianças e os velhos.

Rosinaldo Santos dos Anjos é presidente da Resex — Reserva Extrativista — Tapajós/Arapiuns, próxima ao município de Santarém. Ele conta sobre o projeto-piloto da Poema no ano de 1992 em uma comunidade da região. Aqui também o objetivo foi o de construir um micro-sistema de tratamento e reserva de água. E na Reserva, a floresta é a principal fonte econômica, mas não por meio da exploração da madeira, mas sim das frutas, como o açaí.

Os três contam suas histórias. Com paciência esperam que Michael Arnegger, alemão radicado em Belém e o elo entre as comunidades e a Poema na Alemanha, traduza para o público alemão. Naldo, Giovanni e Bena esperam que os políticos alemães, os alunos das escolas, os simpatizantes da Poema continuem apoiando os projetos sociais e ambientais da região, num trabalho de formiguinhas e de muita coragem. Ainda bem que eles não estão sozinhos.

Mais Lutadores

Outra organização alemã de defesa ambiental que se ocupa da Amazônia é a “Rettet den Regenwald”, que em português significa “Salve a floresta tropical”. O nome da Ong soa como um grito de alerta e define bem o trabalho que desenvolvem. A “Rettet den Regenwald” denuncia devastamentos de florestas e, ao mesmo tempo, auxilia grupos locais que se dedicam a preservar o ambiente. Seja na África, Indonésia ou América do Sul, a “Rettet den Regenwald” torna públicos empreendimentos que não trabalham de forma sustentável e denuncia as consequências para o ambiente e para a população locais. Outro projeto da Ong se dedica à compra de áreas florestais, a fim de criar áreas de proteção, também na região amazônica.

Mais conhecida é a WWF — World Wide Fund for Nature, que atua no mundo inteiro, documentando o impacto ambiental e fazendo o acompanhamento das espécies animais ameaçadas de extinção. Segundo a WWF da Alemanha, a cada minuto são destruídos quatro hectares de floresta por meio de queimadas e desmatamentos na Amazônia. Estas áreas acabam dando lugar a pastagens e ao plantio de monoculturas como a soja, uma realidade que afeta principalmente a Amazônia brasileira. Nos estados de Tocantins, Pará e Roraima, o plantio de soja cresce e os noti-

ciários trazem imagens frequentes de carregamentos de madeira irregulares apreendidos pela polícia federal. Somente numa ação da Polícia Federal, no Pará, em outubro de 2008, foram apreendidos 50 mil m³ de madeira, derivados de 12 mil árvores de uma área do governo, derrubadas clandestinamente.

A WWF da Alemanha também oferece apoio a projetos sustentáveis de exploração e para a compra de matas, para garantir a sobrevivência do ecossistema amazônico.

Um dos maiores problemas que afetam os moradores da Amazônia é o abastecimento de água tratada. Os rios amazônicos sofrem com a poluição: óleo dos barcos, mercúrio usado na extração do ouro e o esgoto são alguns dos fatores que fazem as águas dos muitos rios impróprias para o consumo. 20% da água doce do planeta estão na região amazônica.

Quais são as alternativas?

Em setembro de 2008, os especialistas da AIE — Agência Internacional de Energia publicaram uma análise sobre as políticas de incentivo ao uso de fontes renováveis de energias em 35 países, entre eles o Brasil. O estudo “Deploying Renewables” tem

como base os dados coletados entre os anos 2000 e 2005 e analisa o desenvolvimento de cada país no setor energético. Para os especialistas da AIE, somente uma política de energia que priorize a exploração de fontes renováveis tem como evitar uma crise mundial. Além disso, segundo os pesquisadores, o objetivo de diminuir pela metade a emissão de CO² até 2050 só poderá ser alcançado se 50% da eletricidade produzida mundialmente derivar de fontes renováveis. As hidrelétricas, os parques de energia eólica, a geotermia, a biomassa e o gás orgânico surgem neste contexto como soluções a serem fomentadas não somente pelos governos locais, como também a serem aceitas pelos consumidores.

Segundo o diretor do AIE, Nobuo Tanaka, são poucos os países que apresentam estratégias efetivas na exploração de fontes renováveis de energia. As possibilidades brasileiras estão centradas principalmente na expansão do aquecimento solar, nas hidroelétricas e nas biomassas. Se por um lado o Brasil se encontra em terceiro lugar na exploração da energia hidrelétrica, existem outros potenciais, como a produção de eletricidade a partir da energia solar, ainda pouco explorados. A energia solar é utilizada no Brasil mais como fonte térmica para o aquecimento da água. Talvez isso seja explicado pelo fato de o país ainda não dispor de tecnologia própria para a captação

da energia solar para a produção de energia elétrica. A tecnologia é importada da Alemanha.

A produção de energia eólica na Alemanha, de aproximadamente 22.247 megawatts, em 2007, é a maior da União Europeia.

A Alemanha dispõe já há mais de 14 anos de legislação de incentivo à exploração de fontes renováveis de energia, tendo obtido crescimento dos parques de captação de energia eólica, das hidrelétricas e no desenvolvimento de tecnologias para captação de luz solar como fonte de energia elétrica. O maior desenvolvimento é registrado na produção da energia eólica, que continua crescendo “de vento em popa”. Dados recentes destacam que 42,5% do total da eletricidade originária de fontes renováveis no país vêm da força dos ventos. A produção de energia eólica do país, de aproximadamente 22.247 megawatts em 2007, é a maior da União Europeia.

A captação de energia solar tornou-se uma das especialidades da Alemanha, que desenvolve projetos de parceria com os Estados Unidos, com os Emirados Árabes e até mesmo com Brasil. Apesar dos altos custos, o uso da energia solar, de acordo com os especialistas da AIE, deve crescer nos próximos anos. A energia proveniente das fontes renováveis de energia cobre atu-

almente cerca de 14% da demanda no país. A maior parte da energia consumida ainda provém do beneficiamento do petróleo, do gás natural e do carvão — sendo que esta última é considerada extremamente poluentes.

A preferência dos consumidores por fontes de energias menos poluentes e mais ecológicas vem crescendo e acaba também, por vezes, servindo de incentivo para iniciativas nada convencionais. Como a de um grupo de ambientalistas de uma pequena cidade no interior da Floresta Negra, no sul da Alemanha, que quebrou o monopólio das grandes empresas de energia europeias e fundou sua própria companhia de eletricidade.



Schönau e os “rebeldes”

Quem anda pelas ruas da Schönau não imagina que, entre os relógios cucos e a casas de construção tradicional da estância climática, os moradores dessa pequena cidade tenham sido os autores de uma verdadeira rebelião, contra as grandes empresas europeias de energia, donas do mercado de eletricidade e aquecimento na Europa. A cidade, de pouco mais de 2.400 moradores, é sede da Companhia Elétrica Schönau, que fornece energia para mais de 75 mil casas e empresas espalhadas por toda a Alemanha. Para quem mora no Brasil, estes dados podem parecer insignificantes, levando-se em conta as dimensões de uma megalópole como São Paulo. Algo porém, chama a atenção: os moradores de Schönau, ou pelo menos, muitos dos moradores, são donos da companhia elétrica da cidade, que além do mais, trabalha exclusivamente com energia provenientes de fontes renováveis, livre de energia nuclear e de eletricidade proveniente do beneficiamento do carvão.

A experiência única teve origem no movimento contra as usinas nucleares, depois do acidente na usina atômica de Chernobyl, na Ucrânia, em abril de 1986. Além de se posicionar contra a construção das usinas nucleares, o grupo de Schönau passou a realizar um trabalho de conscientização para evitar o desperdício de energia. Antigos geradores à base de energia hidrelétrica voltam a ser utilizados e o trabalho dos moradores foi se expandindo.



A energia que vem do sol. Telhados das casas da cidade de Schönau, com coletores de energia solar.

Em 1991, o grupo, então com pouco mais de 750 acionistas, entre moradores da cidade e de outras partes da Alemanha, resolveu comprar a rede elétrica de Schönau. A proposta nada convencional surgiu de uma disputa entre os moradores e a empresa que na época fornecia energia para a cidade. Como a companhia elétrica não queria dar garantias sobre a origem da eletricidade fornecida, os moradores resolveram assumir o sistema elétrico da cidade. Seis anos depois, os acionistas fundam a companhia elétrica de Schönau, única companhia independente e ecológica da região. A iniciativa continua dando certo e crescendo, principalmente depois da liberalização do fornecimento de energia

elétrica no país. Assim Schönau vem ganhando dia-a-dia novos clientes, menos ou mais famosos, espalhados pela Alemanha inteira. O empreendimento ganhou prêmios e os “rebeldes”, como são chamados os acionistas de Schönau, continuam traçando novos projetos: parte dos ganhos da companhia são aplicados na construção de captadores de energia solar.

Para a diretora de Schönau, Ursula Sladek, o sucesso da pequena companhia elétrica representa um importante passo para a democratização dos mercados de energia elétrica na Alemanha e na Europa. Por enquanto, Schönau é um exemplo único, minúsculo, frente às companhias elétricas multinacionais — três ou quatro — que dividem entre si o controle do fornecimento de energia na Europa inteira. Schönau é, de qualquer forma, um exemplo de fornecimento de energia sustentável, que até o momento, vem dando certo e se expandindo.



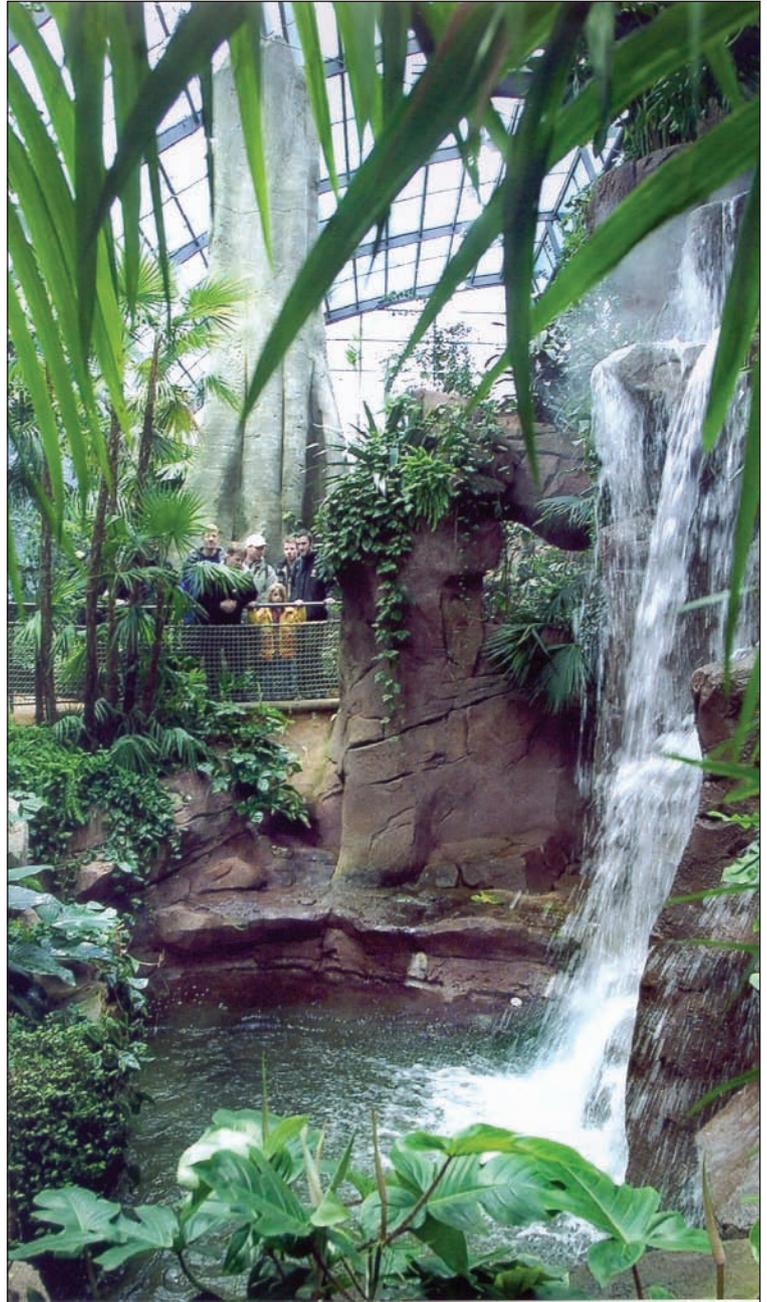
Diretores da Companhia Elétrica Schönau (da esquerda para a direita) Martin Halm, Ursula Sladek e o fundador da EWS Dr. Michael Sladek durante o recebimento do Prêmio Alemão do Empreendedor 2007.

Cadê a sacolinha?

As compras no carrinho. Agora é só pagar. E empacotar. Mas com quê? Cadê a sacolinha de plástico, aquelas que no Brasil são oferecidas em grandes quantidades pelos funcionários nas caixas de todo supermercado, mercadinho, drogaria... “Não tem sacola?”, pergunto. “Tem, 30 centavos, por favor”. Na Alemanha, sacola plástica em supermercado, só pagando. Já faz tempo que as sacolas de pano, de todas cores e tamanhos, com e sem propaganda, compartilham o cotidiano dos alemães em suas compras diárias. O motivo é ecológico: as sacolas plásticas não são biodegradáveis, lixo difícil de ser tratado.

Bem, também é preciso dizer que as sacolas de plásticos, as compradas, não acabam no lixo comum, mas sim são separadas, recicladas. O sistema dual de reciclagem conhecido na Alemanha como Ponto Verde – Gruner Punkt -, foi criado em 1990 com o objetivo de diminuir a produção de lixo no país e funciona, praticamente sem exceções, em todo o território alemão. Papel, plástico e metal, lixo orgânico, vidros, “lixo”, madeira, eletrônicos: o calendário da coleta de lixo de cada cidade é variada e apresenta uma dinâmica própria. Na verdade, quem chega por aqui pela primeira vez percebe o quanto o lixo vale, mesmo que no começo fiquemos um pouco confuso com tantos recipientes diferentes para cada tipo de lixo, já que para o lixo doméstico, o “lixo-lixo” só vai o que não há como reciclar. Resultado: o lixo doméstico é recolhido a cada duas semanas, assim como o “Gelb Sack”, o saco amarelo com os recipientes de plásticos e de metal e o Biotonne, com o lixo biológico. As garrafas de vidro não-reutilizáveis, são recolhidas em contêineres e as reutilizáveis retornam para ciclo comercial.

A Alemanha evoca, para todo turista que passa por aqui, a impressão de ser o país do “Mulltrennung”, da separação do lixo. O que não deixa de ser verdade, já que pelo menos 89% da população acredita na importância de separar o lixo. De acordo com dados de 2006, cada pessoa na Alemanha separa por ano o equivalente a 63,6 Kg de material a ser reciclado, o que equivale aproximadamente a 5,2 milhões de toneladas de lixo reciclável. Mesmo que hoje existam críticas ao sistema dual, já que as usinas de tratamento de lixo fazem a separação eletronicamente, o trabalho tem um papel didático. É uma forma de tomar consciência de que nem tudo que vai para o lixo é realmente lixo. E nas visitas ao Brasil fica difícil jogar tudo no lugar certo. Ainda bem que os catadores de papel, de latinha e de garrafas ajudam a equilibrar a nossa balança ecológica. E também a consciência de quem já não consegue mais nem pegar as sacolinhas de plásticos nos supermercados no Brasil.



A “Casa da Amazônia”

A “Casa da Amazônia” é uma das principais atrações do Wilhelma, Zoológico da cidade Stuttgart na Alemanha. Um riacho acompanha o caminho a partir da entrada da “casa”. As trepadeiras e quedas d’água mesclam-se na composição de um cenário quase perfeito, que abriga mais de 350 espécies plantas e árvores da floresta amazônica brasileira. A “casa” tem moradores: borboletas, pássaros, jacarés, iguanas, tartarugas, tamanduás, macacos e micos, que completam a ilusão de um passeio por uma floresta tropical. A “Casa da Amazônia” foi inaugurada no ano 2000. Planejada em detalhes e para manter a temperatura constante entre 24 e 28 graus e 80% de umidade do ar, na imensa estufa, foram necessários muitos acertos técnicos e a utilização de vidros especiais. O projeto ambicioso custou o equivalente hoje a 9 milhões de euros. O objetivo da “Casa da Amazônia” é didático: quem anda por aquela Amazônia em miniatura tem a possibilidade de vivenciar um pouco da Amazônia real e de se interessar, quem sabe, um pouco mais, pela preservação ambiental da região.